

H. G. WELLS

# O DESTINO DA ESPÉCIE HUMANA



H. G. WELLS

# O DESTINO DA ESPÉCIE HUMANA

 SAGA  
EGMONT

H. G. Wells

# O Destino da Espécie Humana

SAGA Egmont

*O Destino da Espécie Humana*

Translated by Monteiro Lobato

Original title: *The Fate of Homo Sapiens (a.k.a. The Fate of Man)*

Original language: English

Os personagens e a linguagem usados nesta obra não refletem a opinião da editora. A obra é publicada enquanto documento histórico que descreve as percepções humanas vigentes no momento de sua escrita.

Cover image: Shutterstock

Copyright © 1939, 2022 SAGA Egmont

All rights reserved

ISBN: 9788726873306

1st ebook edition

Format: EPUB 3.0

No part of this publication may be reproduced, stored in a retrieval system, or transmitted, in any form or by any means without the prior written permission of the publisher, nor, be otherwise circulated in any form of binding or cover other than in which it is published and without a similar condition being imposed on the subsequent purchaser.

This work is republished as a historical document. It contains contemporary use of language.

[www.sagaegmont.com](http://www.sagaegmont.com)

Saga Egmont - a part of Egmont, [www.egmont.com](http://www.egmont.com)

## Introdução

**P**EDIRAM-ME para expor, de maneira simples e clara, a realidade da situação humana, isto é, a situação do mundo como a vejo — e o que vejo que está acontecendo. Este livro é o resultado da consulta.

Grande parte da minha vida conciente ha sido uma luta para a aquisição de conhecimentos efetivos. Tentei reunir e sumariar os conhecimentos existentes de modo que ficassem ao alcance de todos, e procurei induzir outros mais habéis a que fizessem o mesmo. Tambem me esforcei por aliar sistemas ideologicos incompativeis, que estupidamente se ignoram uns aos outros e são manifestamente responsaveis pela atual confusão do pensamento humano. Essas filosofias e teologias, contraditorias embaraçam o espirito humano, e suas irresoluções largamente decorrem do mutuo desconhecimento. Sinto-me revoltado contra tais “inconsistencias”, porque se tento lidar com elas emaranho-me. Não consigo fazer as necessarias reservas mentais e os necessários ajustamentos.

A força e a fraqueza do meu espirito são uma e a mesma qualidade. Olhado favoravelmente, meu espirito é muito direto; olhado desfavoravelmente, é grosseiro. Impacientam-me os detalhes muito complicados, e a apresentação convencional das coisas mete-me medo. O leitor achará este livro muito insistente e egocentrico. Eu martelo nas minhas principais ideias, e isso impressiona mal aos delicados. Se uma porta não está aberta, digo que está fechada, e impaciento-me com a sugestão da sabedoria

*mundana que quer rodeios. Sim, pode haver um caminho de rodeio que dispense a passagem pela porta; o mais certo, porém, será perder-vos na tentativa de procura-lo. Ficais desde já avisados de que não vos acompanharei em tão incerta empresa. Meu trabalho não é só pela ciencia, mas tambem pela clareza das ideias a respeito da ciencia. E me pareceu desafio o pedirem-me uma lucida exposição das minhas vistas sobre o universo, decorrentes do meu modo direto de encarar as coisas.*

*Estas vistas podem parecer a muitos leitores bem pouco lisonjeiras ao homem, e faltas de respeito humano. Impossivel evita-lo. Limito-me a expo-las porque foi exatamente assim que a realidade se foi desenhando ante meus olhos.*

*Á guisa de introdução vou contar como vim a ver o mundo da maneira como o vejo; nos capitulos seguintes exporei as conclusões a que essa visualização dos fatos me levou. Direi o que primeiro vi da vida. Como o vi. Como me foi possivel vê-lo. Como o raio da minha visão se foi estendendo. Como a ciencia, a experiencia e a imaginação se acumularam e como novos horizontes se emendaram aos horizontes velhos.*

*Nasci num lar pouco prospero; não conheci mimos e muitos dos meus dias de criança foram passados numa cozinha de porão. Pouca coisa me subsiste na memoria desse meu primeiro mundo — o meu mundo infantil. Ao escrever, ponho-me a recordar as ideias que eu teria sobre o mundo naquele tempo, e nada me vem.*

*Fatalmente uma visão muito limitada. Eu teria na cabeça poucas ideias gerais, ou nenhuma. Eu não vivia, por exemplo, num globo chato, ou esferico, ou o que seja. Não me preocupava o tamanho ou a forma do mundo. Absolutamente. Estava apenas vivendo “no mundo”. Contaram-me que havia um refugio para as crianças lá em*

*cima do céu. Mas não me lembro se isso me interessou nalguma coisa. Preocupava-me muito mais com o Papão, que viria agarrar-me se eu fizesse isto ou aquilo, e provavelmente me incomodava a ideia dum certo olho divino sempre a seguir-me — e quasi sempre desaprovadamente. Mas no quanto posso recorrer ás minhas recordações, o que realmente me metia medo eram os ursos, os leões, os negros, os indios e outros perigos que andavam pelas sombras e cantos. Esse mundo infantil era um mundo de realidade vividas, imediatas, em contraste com o outro, que era um mundo de nada e não me bulia com a curiosidade. Havia um prédio na frente do nosso, havia a lua, havia a noite, havia o dia, e assim por diante. Por que não? Com o maior esforço, é tudo quanto posso recordar do mundo que feria os meus sentidos antes que começasse a ler, a ver desenhos, a passear, a ir á escola e a atentar nas coisas, com a liberdade dos sete ou oito anos de idade.*

*Tenho uma visão mais clara do que passei a ver daí por diante. Minha imaginação era um aparelho de ampliar tudo quanto me vinha diretamente. A nebulosa ideia do passado foi tomando forma. Eu ouvia falar no “Era uma vez”. Coisas anteriores ao meu nascimento. Prefigurei a velha Inglaterra toda matas, com torreões de castelos emergindo sobre as copas; o antigo Paris; a antiga Roma, sempre com o imperador Nero no trono, a lançar cristãos ás feras do Coliseu. Minhas ideias historicas centravam-se no castelo de Windsor. Firmemente eu admitia que a grandiosa torre redonda fôra construida por Guilherme o Conquistador. Roma, Grecia, Babilonia, Jerusalem e Egito atulhavam o fundo da cena; e a Criação do Mundo, vista através do Diluvio e duma curiosa procissão de homens velhissimos, entre eles Matusalem, rematava a minha visão do passado.*

*Meu interesse na geografia vinha dos cenários que ela me proporcionava às aventuras da imaginação. China e Japão: coisas para nos divertir, com bonitas porcelanas, sedas e leques. Nações ainda povoadas de barbaros para os quais a Inglaterra enviava missionarios e metralhadoras. Os selvagens eram sempre antropofagos, e andavam com muito pouca roupa, ou nenhuma, o que me parecia um absurdo. Sabia que o mundo era redondo por ouvi-lo dizer em redor de mim. Se mo pintassem quadrado ou conico, eu ficaria convencido da mesma maneira; só anos mais tarde é que vi como é dificil provar a redondeza do mundo. Havia classes superiores, que as gentes respeitavam, e classes inferiores, que as gentes não respeitavam. Os pobres tinham de trabalhar. Quanto mais eu me aproximasse dos de cima, tanto melhor para mim.*

*Assim via eu o mundo, lá por 1880, quando entrei nos quatorze anos, e suponho que o leitor ha de concordar comigo que eu via o mundo dum modo muito nebuloso e falseado. Não obstante, era como grande parte do povo da Inglaterra o via — e é como milhões ainda hoje o vêem. Eu via o mundo como mo mostravam. Vinte anos antes desse tempo, tremendas descobertas haviam sido feitas quanto ao passado da terra e á origem do homem. Eram descobertas da maior importancia, desafiadoras de todas as ideias sobre a vida, aceitas até aquela epoca. Tais coisas, porém, não eram admitidas pelos meus pais, criaturas aliás inteligentes e amigas da leitura. Meus professores, leigos ou religiosos, uma pobre gente presa ao compromisso de só me ensinar “a verdade, toda a verdade e nada a não ser a verdade”, transmitiram-me as antigas historias classicas sem nenhuma sugestão das descobertas que vinham destrui-las. Ainda hoje não percebo por que motivo me enganavam. Talvez não pudessem pôr-se ao corrente dos progressos da ciencia. Ignoravam-n’os. Não passavam de transportadores*

*da tradição morta, duma geração para outra — ignorantísimos.*

*A mór parte dos livros que me caíam nas mãos eram de dez a vinte anos atrás, porque naquele tempo, do mesmo modo que hoje, nenhum ministro da educação sonhava em dar á mocidade a ultima palavra da ciencia. Mesmo hoje, salvo alguns raros editores aventureiros, ninguém se preocupa de dar á humanidade livros novos e baratos, na maior abundancia. Os livros novos aparecem ou não aparecem, conforme a situação do mercado. A ciencia fervilha quando a impressão e o papel barateiam e mirra quando o papel e a impressão encarecem. Nossas democracias de lingua inglesa, a respeito das quais tantos hinos entoamos, continuam profundamente ignorantes e mal informadas. Os livros que me vieram ás mãos em 1880 eram ainda mais esfarrapados e antiquados do que os que em similar situação eu conseguiria hoje. De modo que em 1880 eu via o mundo dum modo completamente errado — via-o de acôrdo com as “mais altas ideias” daquele tempo.*

*Não me lembro de quando comecei a refletir que o mundo como eu o via — e todos em redor de mim o viam — não era a copia fiel da realidade. Senti que me mentiam sobre a vida. E comecei a duvidar. A religião que puseram diante de mim era uma salada de metáforas sobre pais desnaturados que sacrificavam os filhos, oferendas de carneiros degolados e a pingar sangue, uma absurda queda do homem e um cruel julgamento final. Massa de historias que por detrás duma cortina de pavor, de misterio e ameaça refugiam a qualquer pergunta inteligente. Minha razão breve rejeitou tudo aquilo. O que chamavam moralidade parecia planejado para impelir-me para um canto obscuro e deixar-me lá. Às vezes me via atrapalhado com um Deus que eu sentia ser um espião, mas não ousava pensar que o fosse — um tirano demente, mau; só depois*

*de muita luta e muitos terrores é que consegui a paz da descrença. Por muito tempo o medo ainda ficou a pairar em meu espirito, depois que a fé se evaporou.*

*O mundo sublunar que me impunham também era de difícil aceitação. A história ensinada parava em 1700, mas eu li obras sobre a Revolução Francesa, sobre Washington e a República Romana — coisas que me destruíram a fé na inevitabilidade da nossa ordem política, da nossa amada Rainha e do resto. Um livro barato de Henry George caiu-me nas mãos e obrigou-me a pensar cruamente, destruidoramente, mas proveitosamente, sobre o dinheiro, os salários, a renda, etc. Vagos rumores sobre uma ciência denominada geologia chegaram-me ao conhecimento. Eu já havia observado na História Natural de Wood que as diferentes espécies animais apresentavam entre si semelhanças de todo desnecessárias, já que vindas ao mundo separadamente. Por esse tempo meu professor pôs-me a ler os livros de ciência oficiais, e me veio a ideia da existência dum vasto mundo de pensamento para além do círculo em que eu regirava. Meus ceus se abriram, e o mundo como até então eu o vira se tornou um veu a recobrir o rosto da realidade.*

*Várias vezes tenho ouvido pessoas de experiências similares referirem-se á sede de conhecimento que as empolgou. Suponho que também eu senti esta sede — mas muito mais forte foi a colera contra a covarde educação que me haviam dado; e também ressentimento contra a organização social e religiosa que me forçou a viver na desesperançada faina duma loja, ignorante, mal informado, subnutrido e fisicamente atrofiado, sem conselho nem guia, até á idade de treze anos. Dilema: nadar ou afogar-me. Eu era muito criança para fazer concessões aos que me estavam explorando e sufocando. Não percebia que se tratava de pessoas na realidade bastante gentis — apenas*

*indolentes e muito satisfeitas consigo mesmas. E fixei-me na ideia de que conspiravam para manter-me por baixo. Não era verdade que conspirassem. A verdade é que eu estava em baixo e eles não se incomodavam — pisavam em cima de mim. Não discriminei as responsabilidades, odiei-os a todos como só um menino pode odiar, e pus-me á luta para adquirir conhecimentos. Deliberei firmemente adquirir ideias claras e minhas sobre o mundo, antes que fosse tarde.*

*E desde então nunca detestei tanto uma coisa como a atitude de restrição e distorsão dos conhecimentos. Só está abaixo do homicídio, esse crime de esfaimar e aleijar o espirito das crianças. A emasculação do espirito é mais degradante que a mutilação física. Do mundo moderno desapareceu a deliberada manufatura de anões, de eunucos para os harens e de “castrati” para a igreja; mas enxameiam os castrados mentais, que passam a vida seguindo os vincos de sua propria distorsão, sem sequer suspeitarem disso.*

*Depois de 1880, por um extraordinario bafejo da sorte, consegui pôr-me ao par de alguns avanços da ciencia. Durante esse tempo, antes de chegar aos vinte e um anos, esforcei-me, e consegui, dedicar quatro anos ao estudo continuo, sendo tres no Royal College of Science, e um com o grande Huxley, amigo de Darwin; e em 1887 o mundo como eu o via tornou-se uma coisa muito maior e mais profunda do que o confuso quadro de 1880. Suponho que mentalmente a nossa maior velocidade de marcha é entre os quatorze e os vinte e um anos. Foram esses os anos em que, numa especie de inspiração, articulei as peças misturadas dum imenso jogo de “jig-saw”. Foram os grandes anos da minha vida. Anos em que o cego principiava a ver. Em 1888 eu via o mundo não exatamente como o vejo hoje, mas muito mais como o vejo hoje do que*

*como o via em 1880. Houve aperfeiçoamentos na visão, mas mudança nenhuma fundamental.*

*Como via eu o mundo em 1888? O Tempo abriu-me suas portas, e a Criação, a Queda do Homem e o Dilúvio, essas ingenuas pedras fundamentais da mitologia judaica todas se evaporaram. Para sempre. Passei a ver um universo sem limites, no qual estrelas e nebulas flutuavam como grãos de pó; e nesse universo o fenómeno-vida se alçava ás estrelas depois de saído do nada.*

*Naquela epoca as ideias comuns sobre o espaço e o tempo, sobre a materia e a energia, apresentavam-se mais simples do que hoje. Espaço e tempo eram eternidades. Nós estudantes costumavamos debater a quarta e outras dimensões, mas quando eu escrevi algo para uma revista escolar identificando o tempo com a quarta dimensão, espantei-me da minha originalidade e achei-me verdadeiramente paradoxal. Possuíamos ideias muito limitadas sobre a soma de energia latente no universo; a terra iria “congelar-se” daqui a uns tantos milhões de anos. Até lá a humanidade podia fazer tremendas coisas. Tínhamos uma visão da historia da vida no tempo; como nossos antepassados haviam sido simios, era possível que em sua ascensão o homem chegasse a um poder e a uma sabedoria imprevisíveis.*

*Mas nossas ideias sobre esse progresso eram muito restritas. A imaginação não recebia estímulos. Ainda não havia o radio, ou, para falar com maior precisão, o radio não passava de experiencias de laboratorio feitas com as ondas hertzianas. E os conceitos sobre os átomos e os processos físicos eram extremamente ingenuos. Duvidavamos que a aviação fosse possível, e também a tração elétrica; associavamos os submarinos ás fantasias de Julio Verne. A Viagem em Redor do Mundo em 80 Dias*

*soava-nos como sonho extravagante. A interpretação das reações mentais eram nada diante do que hoje sabemos.*

*Ao comparar o mundo como o vejo agora com o que eu via ha cincoenta anos, compreendo como o quadro se ampliou e com ele a compreensão. Tornou-se muito mais profundo, mais misterioso, mais maravilhoso.*

*Não é que a nossa analise da dansa dos elementos fisicos do universo tenha sido apresentada com palavras novas — sobreveio, de fato, muito conhecimento novo. Graças sobretudo a Freud e seus discipulos, a ciencia de nós mesmos se dilatou imensamente. Ponho Freud ao lado de Darwin entre os grandes luzeiros humanos. São dois homens cardeais, não tanto pelas conclusões a que chegaram, como por terem lançado à arena tais questões e estabelecido o metodo de estuda-las. O conhecimento dos nossos motivos e impulsos, e depois da ação, tornou-se muito mais lucido e pratico, em consecuencia das iniciativas de Freud.*

*Os resultados imediatos destes avanços foram uma tremenda onda de otimismo nos homens de mente livre. E sobrevieram grandes passos no campo das descobertas, da inteligente organização social, da conquista dos recursos da natureza, da supressão da doença e da ignorancia, tudo nos parecia tão inevitavel como a precessão dos equinocios. E esse progresso se processaria independente da nossa vida diaria e das ideias comuns do povo. Caminhariam por si; nada tinhamos a fazer. Foi coisa que veio, que se desdobrou, que não se deteria mais. Progresso! Os homens de ciencia e os inventores estavam trabalhando para nós; tudo quanto tinhamos a fazer era aparar as maravilhas, coisas caidas da cornucopia. No mundo como o vejo hoje o poder e as possibilidades do esforço humano aparecem enormemente maiores do que em 1888. E crescem. As promessas são sempre de mais.*

*O otimismo se justifica. Economicamente o mundo pode ser organizado de modo a proporcionar a cada criatura alimento abundante, habitação confortável e lazer, e isto sem nenhuma compulsão ao trabalho forçado ou á monotonia de empregos irritantes. No decurso duma simples geração passamos duma generalizada carencia de coisas á possibilidade da maior abundancia. A historia deste progresso é muito familiar, não exige exhaustiva recapitulação. A aviação e o radio aboliram as distancias. Em 1888 a fusão do mundo num estado unico era sonho absurdo; hoje se tornou necessidade imperiosa. Cincoenta anos atrás nenhum de nós admitia a liberdade e a plenitude de vida que hoje vemos como perfeita possibilidade. Para muita gente de anos atrás, uma era de poder, de liberdade e de abundancia afigurou-se chegada. Nossos olhos ainda a não tinham visto, nem nossos ouvidos ainda a tinham ouvido; mas começava a preluzir na imaginação de todos o quadro do mundo em sua idade aurea.*

*Subito, uma serie de desastres e calamidades nos veio mostrar que a grande esperança era prematura. Antecipamos excessivamente; a vitoria ainda estava longe. O novo poder do homem, as invenções e os metodos recém-criados, não determinam o enriquecimento da vida comum, como o esperavamos. Ao contrario, ferem-nos, martirizam-nos, desapontam-nos. Demonstram-se devastadores, em nossas mãos mal preparadas. Começamos a compreender que a cornucopia da inovação pode trazer-nos mais mal do que bem.*

*O “mundo científico” anda hoje a admitir que assim é. Muito debate tem havido nas sociedades científicas sobre o mau emprego da ciencia e da invenção, e sobre as responsabilidades que aos sabios cabem quanto a esse mau emprego. As sociedades científicas da Inglaterra, da America e da Australia têm-se movimentado por iniciativa*

*de homens como Sir Frederick Gowland Hopkins, Lord Rutherford e Sir Richard Gregory. A British Association criou uma Divisão especial para o estudo das relações entre a sociedade e a ciência. O fado desta Divisão é de enorme interesse do nosso ponto de vista. Tenho assistido a alguns dos seus debates, e observei duas tendencias divergentes. Uma, organizar e apetrechar o impulso da mentalidade científica de modo a fazer dela um fator vital na opinião publica; outra, modestamente conservar o homem de ciencia na sua subordinação de até aqui.*

*Iriamos longe se nesta obra fossemos discutir como os homens de ciencia podem assessorar as classes governantes e como tais classes se comportariam diante desse assessoramento.*

*E' concebivel que os operarios da ciencia estejam hoje numa rede; que a dilatação do campo de seus estudos e experiencias seja afetada pelas restrições dos "segredos oficiais"; e que além dos dominios da física e da quimica outros campos de investigação, sem liame direto com a guerra, tambem caiam sob o controle oficial, como favorecedores de ideias que minam a moral militar da comunidade. Na Alemanha nazista já isto aconteceu com as ciencias psicologicas, com a matematica fisica e com a etnologia — ciencias que nada têm que ver com os armamentos e a estrategia. Uma quasi completa estrangulação das publicações científicas torna-se possivel hoje, e o exercito dos sabios me parece muito impotente para enfrentar as forças axfixiantes.*

*Ninguém ainda explorou as bases da liberdade intelectual do mundo moderno; podem ser muito menos solidas do que o trabalhador intelectual, na liberdade do seu gabinete, as imagina.*

*Não é apenas o mau emprego das invenções mecanicas que está produzindo panico nas grandes esperanças de*

*decadas atrás. Todos os novos desenvolvimentos do radio, do cinema e mais meios de informação em massa, bem como todos os novos processos educacionais, que tanto prometiam para o esclarecimento do mundo, começam a cair, um por um, sob o controle do governo, passando ao serviço da propaganda. Eram coisas destinadas a ser a artilharia do progresso. Hoje voltam-se contra a nossa liberdade mental — e com crescente eficacia.*

*Cumpre-nos, pois, encarar mais de perto as causas deste desconcertante desapontamento, deste desastre das nossas grandes esperanças. Qual a verdadeira posição do Homo sapiens em relação ao meio? Detem ele a dominação, como imaginavamos outrora, ou foi isso um erro de apreciação? Estamo-nos embalando com ilusões da fantasia ou diante de autenticas realidades?*

*E' o que vamos estudar.*

## Preliminares

**D**ESDE que Herbert Spencer lançou a palavra “Sociologia”, o estudo **do que está acoutecendo ao genero humano** fez grandes progressos. A sociologia, ou, para dar-lhe um novo e melhor nome, a Ecologia Humana, tornou-se uma ciencia real, que analisa as causas operantes e lhes prevê os efeitos. A conciencia das nossas circunstancias é hoje muito mais lucida do que a nossa visão geral do mundo. Contamos, para a compreensão do problema da sociedade humana, com muito melhor analyse dos movimentos de população, dos processos economicos, da relação entre as atividades do homem e os recursos reais existentes. Já não falamos com a pomposa ignorancia dos antigos professores de historia sobre a queda dos imperios e a marcha da Civilização de Oéste para Léste ou vice-versa — o que dá na mesma — e outras que tais caricaturas. Com o aumento do nosso saber e da nossa compreensão, conceitos totalmente novos sobre os problemas da humanidade se abrem á nossa frente.

Está começando a infiltração das ideias biologicas na sociologia e na historia. O esforço do seculo XIX rumo ao saber, depois de derruida a fabula da Criação, teve de enfrentar grandes resistencias — em boa parte nas escolas. As novas concepções ameaçavam a fé sobre que a moral repousava. Os homens tinham pavor de enfrentar as logicas ilações das novas descobertas, e ou as negavam com irracional frenesi ou lhes reduziam a importancia, dando-as como coisas vagas, incertas e de pouca atuação nos

“grandes problemas” da vida. Eram ignoradas ou apresentadas pasteurizadamente. Foi o grande periodo das controversias, tão desastroso para os velhos dogmas. Sobreveio depois a fase do silencio defensivo. Cessou a luta aberta. As fés estabelecidas enterraram-se em suas trincheiras.

Os mais brilhantes moços das universidades penetram no estudo “adiantado” da historia, da filosofia e da economia na mais completa ignorancia das ciencias biologicas. A maioria deles permanece numa atitude de escolastica hostilidade contra a biologia, a qual se senta a sua porta como um credor não atendido.

Eles se defendem com uma linha de preconceitos sociais contra a ciencia nova. Conseguem fazer crer aos espiritos “snobs” que a biologia não é coisa propria para ocupar nosso pensamento. Uma indecencia. E os jovens filosofos, historiadores e economistas universitarios não se conservam apenas biologicamente ignorantes, mas se mantêm num verdadeiro estado de imunidade contra essa ciencia.

Em consequencia desses lapsos e dessas barreiras temos de recapitular neste livro certos fatos sobre a vida, que, apesar de provados de maneira mais completa, ainda permanecem geralmente desconhecidos. Não obstante, são fatos que dizem muito de perto com as mais urgentes questões da atualidade. Os debates politicos continuam a ser mero empirismo, um tecido de suposições, de asserções sem base — tagarelice.

Este contraste entre as conclusões da ciencia e sua aplicação á realidade parece-me notabilissimo. Os homens podem saber uma coisa e conserva-la inutil, caso venha contrariar as velhas tradições e os seus habitos de vida. Acentuo aqui este ponto porque afeta de modo muito direto

a revista das possibilidades humanas que nesta obra  
pretendo fazer.

## A biologia na historia

UMA das diferenças mais acentuadas entre a visão das coisas dos nossos antepassados e a duma inteligencia moderna está na alteração do valor-tempo.

O tempo era outrora extremamente breve. Nossos avós mal conseguiam ter uma impressão da perspectiva historica. O passado lhes era coisa de apenas alguns milhares de anos; e no **começo** dos tempos viam a vida humana muito semelhante á de agora — um sistema mais ou menos equilibrado de tipos sociais, o governante e os governados, o caçador e o agricultor, o padre e o soldado. E consideravam isto como a vida imemorial do homem. Eles viam a vida das cidades e dos campos, o deserto e o mar, dilatando-se, mudando em certas coisas, e mais se enriquecendo por meio das descobertas e invenções do que se alterando; e viam tudo a conservar-se o mesmo na essencia. O raio da observação e da comparação era-lhes muito limitado; não compreendiam que era a derrubada das florestas, o acumulo de gado nas pastagens e a destruição do solo o que fazia empobrecer as regiões sobre que os homens se espalhavam. Não relacionavam o surto e a queda dos imperios com o fator desgaste, que se ia desenvolvendo sob seus olhos sem que eles o percebessem. E atribuiam essas mudanças de população e de energia a outras causas. Os processos do primitivo desgaste eram relativamente muito lentos para serem percebidos de uma vida de homem a outra — e os nossos pensadores de ontem muito falavam no inalteravel da natureza humana.

Ninguém pode mudar a natureza humana, diziam. Confiavam na promessa emanada da própria boca do Criador: que, enquanto a terra subsistisse, o homem teria sementeiras e colheitas.

A ordem dos acontecimentos parecia uma rotina segura e infalível. Pensavam assim, do mesmo modo que por tanto tempo julgaram a terra chata. Admitiam que o mar sobre que navegavam era plano, e foi-lhes necessária uma grande soma de exercício mental para apreenderem que o plano do mar não passava duma curva, e que quanto mais navegassem mais verificariam essa curvatura, tão contrária às suas primitivas admissões. Navegadores surpresos descobriram no céu constelações que desconheciam. Foram precisos milhares de anos para o homem perceber que não vivia numa terra chata, e sim esférica; e mais anos ainda para aprender que o homem não é o centro do universo, sim mero habitante dum planetazinho muito secundário. E a humanidade, tendo de ajustar as suas ideias a este conhecimento novo, o fez até certo ponto. Até certo ponto, apenas.

O mesmo aconteceu com a nossa imaginação histórica ou geográfica, que hoje dispõe de um quadro de perspectivas grandemente alargadas. Sabemos hoje que as montanhas eternas não são eternas; que todas as nossas concepções de conduta e destino são provisórias; e que a natureza humana, e tudo que lhe diz respeito, rola num incoercível processo de mudanças. Nossas ideias históricas projetam-se num passado de milhões e milhões de anos; vemos a humanidade a emergir de condições sub-humanas, da vida de símios solitários de há 250 mil anos; com crescente precisão sabemos do começo da vida social na era em que vivíamos da caça; podemos traçar os começos da agricultura num período de duzentos ou trezentos séculos afastado do nosso; e os do desenvolvimento das